



Aqui, Ali, Acolá, Agora: a Pós-Modernidade e o Facebook¹

Flavia FORMAGGIO²
Universidade São Judas Tadeu, SP

Sara MARTINS³
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a “pós-modernidade” e a sua possível ligação com o Facebook. A primeira seção trata do termo pós-modernidade, que foi adotado primeiramente por Lyotard, para assinalar mudanças de paradigmas na sociedade. Também aborda a semelhança entre a modernidade e sua continuidade. A seção também abarca o conceito de modernidade líquida, usado por Bauman e de hiper-modernidade, trabalhado por Lipovetsky. A segunda seção discorre sobre o uso da Internet e a falsa sensação de ubiquidade que ela permite, com base nos estudos de Sodré e Lévy. Também abarca o conceito de telepresença que o celular possibilita, além de conceituar rede social. A terceira seção narra a história do Facebook: sua criação, expansão e uso atual, relacionando a rede com a pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Internet; Facebook.

1. A Pós-Modernidade

O termo *pós-modernidade*   usado para designar diversos fen menos, objetos, tecnologias etc. Desde meados da década de 80, há o debate sobre a pós-modernidade e o uso do prefixo “p s” para designar que a fase histórica não é mais a da chamada modernidade. A obra *O Pós-moderno* (tradução brasileira do título), de Jean-François Lyotard, foi o primeiro estudo a tratar sobre a pós-modernidade “como uma mudança geral na condição humana” (ANDERSON, 1999, p. 9). A análise teórica apontou a troca de paradigmas sociais. Conforme o próprio prefixo indica, o pós-modernismo é uma fase posterior à modernidade e não uma ruptura total. A nomenclatura é adotada por Lyotard para identificar as sociedades da era pós-industrial (LYOTARD, 1988, p. 5). Sodré (2005, p.50) aponta que a “modern ssima sociedade industrial” passou a ser

¹ Trabalho apresentado IJ05- Comunicação Multim dia do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Pós-graduada em História da Arte pela Universidade São Judas Tadeu e bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: flaforart@gmail.com

³ Bacharel em Publicidade e Propaganda do Curso de Comunicação Social da UNESA. Email: saramartinsrio@gmail.com



designada como pós-moderna. Nesse contexto, há a hegemonia da informática. Lyotard defende que as disciplinas como informática, cibernética, lógica e matemática devem ter prioridade de ensino (LYOTARD, Op. cit., p. 89).

Antes de analisar o significado da pós-modernidade, onde o “pós” aparenta indicar um devir ainda não consumado, é preciso conceituar a própria modernidade. Marshall Berman teoriza que Jean-Jacques Rousseau é a voz arquetípica da primeira fase desse período. Ele foi o primeiro escritor a usar *moderniste* no mesmo sentido que a palavra passou a ser empregada nos séculos XIX e XX (BERMAN, 2007, p. 16). Em *A Nova Heloísa*, de 1758, o personagem Saint-Preux exprime seus sentimentos sobre a colisão de grupos na vida metropolitana, os absurdos e a falta de choque, pois as pessoas se acostumam a tudo e há uma infinidade de novas experiências. Esse relato é um contraste da vida urbana em relação à campesina e ao período anterior à modernidade, que “promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 2007, p. 15), segundo o que Berman define como ser moderno. Gilles Lipovetsky assinala que a sociedade moderna era “conquistadora, crente no futuro, na ciência e na técnica” (LIPOVETSKY, 2005, p. 3) e provocou a ruptura com as hierarquias baseadas nos laços de sangue na soberania sacra, nas tradições e particularismos em detrimento do universal.

Para Bauman, o início da modernidade é assinalado pela separação de tempo e espaço entre si e na prática da vida. Antes, os dois elementos eram teorizados em conjunto. O tempo era medido pela duração para sair de um espaço e chegar até outro, por exemplo. A caminhada era feita sem meios de transporte. A comunicação dependia do contato direto com outro indivíduo ou do tempo para levar a mensagem de um ponto a outro. O tempo diferencia-se do espaço, pois pode ser esticado e flexibilizado pelo “engenho, (...) imaginação e (...) capacidade humanas” (BAUMAN, 2000, p. 16). Graças a essas características, o tempo possibilita a conquista do espaço, que é inflexível e inerte. Por isso, o autor define que a modernidade é “talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (BAUMAN, 2000, p. 129).

Para Bauman, o vanguardismo das artes na virada do século tiveram inovações graças à perspectiva do *modernismo*, o “movimento intelectual (...), um protesto contra promessas descumpridas e esperanças frustradas, mas também um testemunho da seriedade com que as promessas e as esperanças foram tratadas” (BAUMAN, 1998, p.



122). Os modernistas desejavam a aceleração e o que vinha a seguir. Opunham-se ao passado, que seria retrógrado por já ter decorrido. Conforme Bauman, apesar das artes de vanguarda terem intenções modernas, suas consequências foram pós-modernas (BAUMAN, Op. cit., p. 127). Ainda atrelado à arte, Rancière diz que em um sentido, o pós-modernismo foi apenas um nome que certos artistas e pensadores tiveram como consciência do que foi o modernismo: “uma tentativa desesperada de fundar um ‘próprio da arte’ atando-o a uma teleologia simples da evolução e da ruptura históricas” (RANCIÈRE, 2009, p. 41). Todavia, a pós-modernidade é um conceito que não abarca apenas a arte.

No tocante as transformações sociais entre a modernidade e a pós-modernidade, é possível verificar alguns pontos em comum entre duas fases. No livro *Os devaneios do caminhante solitário*, escrito por Rousseau em seus dois últimos anos de vida, em 1778, o autor exprime seus males e a maneira que encontrou para mitigá-los: caminhar em Paris e arredores. Em uma de suas reflexões depois de um passeio, ele escreveu:

tudo na Terra está em fluxo contínuo: nada mantém uma forma constante e fixa, e nossas afeições, que se apegam às coisas externas, necessariamente passam e mudam com elas. Sempre à frente ou atrás de nós, elas lembram o passado que não é mais ou preveem o futuro que muitas vezes não deve acontecer: não existe nada sólido a que o coração possa se apegar. Assim, neste mundo só conhecemos o prazer que passa; a felicidade que dura, duvido que seja conhecida (ROUSSEAU, 2008, p. 69).

A descrição de Rousseau lembra a ideia de fluxo trabalhada por Bauman, que usa a metáfora da liquidez para a pós-modernidade. Para o autor, vivemos em um período de modernidade líquida, que muda e se adapta rapidamente, sem se fixar ao tempo e espaço. Essa fluidez contrasta com as formas sólidas que apresentam dimensão espacial clara, neutralidade do espaço e diminuição do significado do tempo. Para os líquidos, o fator tempo é intrínseco à sua forma em um determinado momento (BAUMAN, 2000, p. 8). Na concepção de Bauman, a própria modernidade iniciou a liquefação dos sólidos. Agora, o espaço não limita a ação do tempo, que pode atravessá-lo e “todas as partes do espaço podem ser atingidas no mesmo período de tempo (isto é, em ‘tempo nenhum’), nenhuma parte do espaço é privilegiada, nenhuma tem um ‘valor especial’”.

Conforme Gilles Lipovetsky, “no universo da pressa, dizem, o vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Foram-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento



voluptuoso” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p.80). Lipovetsky refere-se a essas características da pós-modernidade com o uso do prefixo “hiper”, que indica a exacerbção da modernidade. Para ele, embora o neologismo “pós-modernidade” tenha o mérito de apontar a mudança de direção e a reorganização do funcionamento social, a expressão é ambígua e vaga (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p. 52). A modernidade não morreu: está maximizada (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p. 54). Apesar do uso do termo “hiper”, o autor não é hiperbólico na conceituação: “nem tudo funciona na medida do excesso, mas, de uma maneira de ou outra, nada é poupado pelas lógicas do extremo” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, 56). A nova fase da modernidade tem como marca distintiva a compressão do espaço-tempo, que cria a percepção de simultaneidade. Se a “mania do presente” não foi criada pela sociedade informatizada e neoliberal, ela impeliu o desejo da libertação do espaço-tempo. Na hipermodernidade, há o paradoxo do alívio contra a insegurança: em contraste aos estímulos para o lazer, consumo e bem estar, viver é mais estressante e menos frívolo. Nessa fase, existe a inquietação com o futuro do planeta, manifestado pela preocupação com a ecologia e o meio ambiente (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p. 68-69).

Kellner afirma que “o discurso sobre o pós-moderno é um construto cultural e teórico, e não uma coisa ou estado de coisas. (...) Não há fenômenos intrinsecamente ‘pós-modernos’ que o teórico possa descrever” (KELLNER, 2011, p. 71). Ou seja: os fenômenos serão considerados pós-modernos, líquidos, hipermodernos, ou quaisquer outras nomenclaturas para o período, conforme a interpretação e definição de cada linha teórica. Apesar do desgaste do uso do termo sem a devida elucidação, há mudanças sociais significativas, que não são encaixáveis ao período da modernidade. Como a ruptura entre períodos não é abrupta nem definitiva, é natural a incerteza e estudos sobre fenômenos novos e antigos. Dentro da noção de sociedade pós-moderna, “uma fase chega ao fim, uma nova fase aparece ligada por fios mais complexos do que à primeira vista pode parecer, às nossas origens políticas e ideológicas” (CHARLES; LIPOVETSKY, Op. cit. p.80). Nessa fase pulula a tecnologia computacional, que gera experiências diferentes das que foram experimentadas por gerações anteriores. Isso se deve não somente pelo uso do computador, mas também da interação que a Internet permite aos usuários.



2. Rede e ubiquidade

Além da interação mediada através do uso da rede mundial de computadores, as novas tecnologias também possibilitam outras aplicações da tecnologia computacional. Sodré comenta que a Revolução da Informática permite o armazenamento de grandes volumes de dados e também a rápida transmissão. Nesse contexto, há a anulação do espaço pelo tempo, que gera a falsa impressão que os indivíduos podem estar presentes em diferentes partes no mesmo instante. (SODRÉ, 2010, p. 13-14). O autor afirma que é comum dizer que o desenvolvimento de sistemas e redes transforma a vida do homem contemporâneo, de forma radical. (SODRÉ, 2010, p. 15). Isso se deve à difusão dos computadores e da conexão com a Internet. Ambos foram criados para fins militares, mas não ficaram restritos ao uso bélico. Em contraste com os computadores de grande porte usados durante a guerra, o microprocessador possibilitou uma nova fase da automação industrial: a miniaturização. Com a diminuição do peso e das dimensões dos computadores, houve impacto social. Lévy indica que alguns setores terciários como bancos e seguradoras, se apropriaram dos ganhos produtivos proporcionados pelos aparelhos eletrônicos, tendência seguida até hoje (LÉVY, 2007, p. 31).

O uso da Internet torna possíveis as trocas de informações no ambiente virtual, que é chamado por Sodré (Op. cit., p. 16) de “outra dimensão da realidade”, impulsionando uma nova percepção do real através da tecnologia. O tempo real e o espaço permitem a criação de “outros mundos”. A interconexão de pessoas através de computadores conectados à Internet amplia cada vez mais a rede, tornando-a “universal”, segundo Lévy (Op. Cit., 111). A ampliação de usuários conectados aumentou com a comercialização de aparelhos celulares que conectam-se à rede. Desde 2008 a porcentagem de brasileiros que acessava a internet pelo celular variava entre 6% e 5%. Em 2012, esse número aumentou para 17%. O celular está mais popular no Brasil. O aparelho é a segunda tecnologia mais presente nos domicílios brasileiros e perde a primazia apenas para a televisão. São 98% de casas com televisão contra 87% de celulares. (SAMPAIO, 2012). Os celulares permitem inúmeras funções além de fazer e receber chamadas. Uma pesquisa aponta que 79,5% e 77% dos usuários de internet nos Brasil e África do Sul, conectam-se à Internet através do celular. Logo, mesmo quem não possui um computador e/ou notebook, pode visitar sites e redes sociais, como o Facebook.



Para Lévy, “o telefone é a primeira mídia de *telepresença*”. Onde não é possível estar fisicamente, há o rompimento da barreira espaço/tempo, através das ligações ou acesso à Internet. “Os celulares assinalam, material e simbolicamente, a derradeira libertação em relação ao lugar” (LÉVY, Op. cit, p. 81). Com o celular, a prótese da interação mediada⁴, o indivíduo tem ubiquidade e transpõe grandes distâncias geográficas, até onde for possível obter sinal para completar a ligação e/ou conexão. A voz do interlocutor, em si, está presente em tempo real quando a ligação é estabelecida e possibilita o contato com o próprio corpo do interlocutor. Lévy afirma de maneira quase poética que “por meio de computadores e das redes, as pessoas mais diversas podem entrar em contato, dar as mãos ao redor do mundo” (LÉVY, 2007, Op. cit. 119). Não obstante que essa aproximação seja uma ideia graciosa, a realidade demonstra que essa universalidade não está instaurada, embora haja o meio tecnológico para tal. Na contramão do entusiasmo pela tecnologia por si só, como se os problemas de desigualdade pudessem ser resolvidos com um computador e o acesso à Internet, Milton Santos trabalha com o conceito de fabulação. Para ele, o fato de a comunicação ter se expandido de maneira global não significa necessariamente que há uma aldeia global conectada. O conhecimento instantâneo dos fatos não provém da interação entre as pessoas, como ocorre nas “verdadeiras aldeias”, mas da “intermediação de objetos”, através de veículos da mídia (SANTOS, 2000, p. 41).

Sobre a contração do tempo e espaço, Santos (2000, p. 41) afirma que isso é um mito, pois apenas um número reduzido tem acesso à celeridade proporcionada pela tecnologia. Na realidade brasileira, por exemplo, somente 30,8%⁵ dos brasileiros têm acesso à Internet. Ou seja: dois terços da população estão fora da rede e, portanto, não podem dar as mãos ao mundo. Para Bauman (1999, p. 57), “a Internet e a Web não são para qualquer um, e é improvável que jamais venham a se abrir para o uso universal”. Apesar da positividade, Lévy assume que “nem a informática pessoal nem o ciberespaço (...) são capazes de resolver, apenas pelo fato de existirem, os principais problemas da vida em sociedade” (LÉVY, Op. cit., p. 246).

A compressão do espaço-tempo foi ampliada com a chegada da tecnologia dos *smartphones*. Contando com processadores muitas vezes similares ao de desktops e notebooks, um *smartphone* é um computador portátil onde podem ser executados

⁴ LAIGNIER, P.; MARTINS, S; RIZZARO, F. *Celular: a prótese da interação mediada*. Disponível em <<http://tinyurl.com/3fav2yh>>. Acesso em 20 de abril de 2013.

⁵ Blog do JJ. *Só 30,8% dos brasileiros tem acesso à web, informa o IbopeNielsen*. Disponível em <<http://tinyurl.com/bpc4lnw>>. Acesso em 04 de abril de 2013.



pequenos programas, chamados aplicativos. O aplicativo oficial do Facebook é um dos mais populares, com números que ultrapassam os 100 milhões de downloads para diferentes sistemas operacionais⁶. Disponível em Português, Alemão, Bokmål, Norueguês, Checo, Chinês simplificado, Chinês tradicional, Coreano, Dinamarquês, Espanhol, Francês, Grego, Holandês, Indonésio, Inglês, Italiano, Japonês, Malaio, Polonês, Russo, Tailandês e Turco, o aplicativo permite que pessoas de diferentes contextos culturais possam estabelecer o ambiente virtual como um local de intermediação ubíquo, imediato, onde todas as coisas podem ser compartilhadas em uma busca constante pela aprovação social, garantindo assim que todos vivenciem a experiência Facebook, que pode ser resumida em sua frase de saudação aos novos usuários: “no Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida”.

O Facebook é uma rede social, que tem algumas peculiaridades, conforme será visto a seguir. Contudo, o conceito de redes não é algo novo. Pode se dizer que desde os primórdios da humanidade, os indivíduos já trabalhavam em redes sociais. Para Marteleto (2001, p. 72), "nas redes sociais, há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas." A autora ainda pontua que entre os diversos conceitos de rede, a rede social representa um conjunto de participantes autônomos, que unem ideias e recursos sobre valores e interesses compartilhados. (MARTELETO, op. cit., 2001, p. 72). Para Recuero (2009, p. 69), “uma rede social é sempre um conjunto de atores e suas relações”. Os atores são as pessoas, os usuários da rede. Logo, pode se dizer que uma rede social via Internet é estabelecida quando diversos atores (usuários da rede) conectam-se através do computador. Quando um indivíduo (ator) estabelece relação com outros atores através do Facebook, por exemplo, eles são indivíduos conectados (relacionados) virtualmente. Com uma média de conexão de 785 minutos por dia na rede móvel e 320 minutos em desktops (STATISTA, 2013), os usuários passam em média 18 horas do dia conectado. Ao sair do site, o usuário é lembrado que sua experiência pode ser estendida: “Está saindo? Continue conectado no seu celular”.

⁶ MobiThinking. Global mobile statistics 2012 Part E: Mobile apps, app stores, pricing and failure rates. Disponível em <<http://tinyurl.com/dyoqwn8>>. Acesso em 24 de abril de 2013.



3. O Facebook

Com a criação da rede Facebook, em 2004, pelo americano Mark Zuckerberg, iniciou-se um conceito mais abrangente de relações sociais. Mais abrangente pois o sistema, além de conectar pessoas de qualquer parte do mundo, permite a criação de aplicativos dentro dos perfis, possibilita compras e vendas entre os usuários, ligações telefônicas, oferece espaço publicitário, assim como proporciona aos internautas um micro-blog pessoal, gerando interação com outros perfis adicionados à rede, sejam corporativos ou particulares. Entre as demais funcionalidades do sistema, o Facebook permite vínculos com outras redes sociais, como Twitter, Instagram, Foursquare, Pinterest etc. O propósito inicial da rede era conectar jovens que estavam no momento de transição da escola para a universidade. Inicialmente, em 2004, o sistema era disponível para os alunos de Harvard, expandindo-se no ano seguinte para as escolas secundárias (RECUERO, 2009, p.171). Hoje, o Facebook é considerado a maior referência mundial entre as redes sociais online, sendo que em 2010, o sistema já contabilizava 500 milhões de usuários ativos, com mais de 550.000 aplicativos disponíveis, segundo dados da própria rede⁷ (DOURADO, 2010, p.120).

Considerando os tipos de relações existentes através desta rede social, Raquel Recuero (2009, p.95-99), caracteriza o Facebook como uma rede emergente, contudo também como uma rede de filiação. É uma rede emergente, pois há interação social mútua, em que laços são constituídos através de comentários recíprocos, gerando “*clusters* altamente conectados” (RECUERO, 2009, p.96). Todavia, é considerado uma rede de filiação, pois a listagem significativa de amigos não implica, necessariamente, em uma interação social mútua. Para a autora,

uma vez adicionado um indivíduo, ele ali permanece independentemente da interação para manter o laço social. Essas redes podem, entretanto, mostrar laços já estabelecidos pelos atores envolvidos em outros espaços, mas não necessariamente através da Internet. Além disso, essas redes mostram uma rede que não é alterada pelo acréscimo ou decréscimo das interações e valores trocados, mas que pode agregar valor à rede social e gerar capital social (RECUERO, 2009, p.98).

Considerando tais características, observa-se a criação de uma nova tendência de relacionamentos e comportamentos, consequentes do uso do Facebook, que coincidem com parâmetros descritos como pós-modernos, no quesito tempo-espaço. Embora seja

⁷ Disponível em: <<http://tinyurl.com/356y6s>>. Acesso em: 04 de maio de 2013.



possível considerar o Facebook como um sistema pós-moderno, por ter surgido neste período, valores e sintomas desta geração contemporânea são revelados através da rede. Este tópico irá analisar alguns aspectos relevantes das atitudes resultantes das relações virtuais em questão e como se relacionam com as definições de tempo e espaço na pós-modernidade.

Como já foi visto, ao usar a metáfora da modernidade líquida, referindo-se à pós-modernidade, Bauman faz alusão ao dinamismo do tempo e à adaptação às novas formas. A tecnologia e a velocidade permitem a ampliação dos espaços, possibilitando cada vez mais atividades simultâneas. Segundo Bauman (2000, p.8),

a arte de viver consiste em esticar o tempo além do limite para encaixar a maior quantidade possível de sensações excitantes no nosso dia-a-dia. Essas sensações vêm e vão. E desaparecem tão rapidamente quanto emergem, seguidas sempre de novas sensações a se perseguir. A pressa – e o vazio – é fruto disso, das oportunidades que não podemos perder. Elas são infinitas se acreditamos nelas.

O que Bauman descreve como modernidade líquida pode ser observado nas ações decorrentes do uso do Facebook. O tempo pode ser definido como o aqui e o agora. A velocidade da informação, além de encurtar as distâncias, cultiva no usuário hábitos de imediatismo, de pressa, de resultados presentes. O mais importante é o que acontece agora. O dinamismo se manifesta tanto na percepção do tempo quanto na efemeridade dos relacionamentos. É um aparente jogo de simultaneidade, em que o jogador encontra diversos meios para realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, tornado-se aparentemente eficiente e eficaz em seus relacionamentos virtuais. Muitas tecnologias modernas foram criadas para otimizar o tempo de produção, neste caso pode-se dizer que a relação de simultaneidade foi criada para uma otimização dos relacionamentos, tornando-os rápidos, objetivos e, em muitos casos, eliminando a necessidade de um encontro face a face.

No Facebook, o que acontece pode ser imediatamente compartilhado, desde utilidades públicas ao cotidiano particular. Criou-se um novo conceito de urgência, em que todos precisam saber, no momento exato em que acontece, o que determinado usuário faz, onde está e o que pensa. O sistema tornou-se uma vitrine pessoal, em que atividades cotidianas passaram a ser urgentes e compartilhadas. É muito provável que, no âmbito virtual, este imediatismo não traga consequências duradouras, pelo contrário, o urgente deixa de ser urgente à medida em que o objetivo é alcançado: visualização, aprovação e compartilhamentos. Todavia, o anseio pelo imediato torna-se um ciclo



vicioso que será refletido nas atividades não-virtuais do indivíduo. Se o tempo é agora, não há porquê esperar. De acordo com a colocação de Carvalho Campos,

estamos entregues a essa grande compulsão que se instala de maneira globalizante, estamos cegos para olhar a nós mesmos e ao outro, substituindo relações por vícios, trabalho desenfreado e cacarecos pós-modernos, aumentando a sensação de impaciência em relação ao outro. (CARVALHO Campos, 2010, p. 4).

Além disso, esta nova forma de registrar o tempo, através do Facebook, não apresenta uma finalidade clara de memória, ou seja, é um tempo dedicado a um registro de tempo que só tem relevância imediata. Passados dias ou semanas, o registro perde seu valor, sendo substituído por um novo registro. Apesar de haver compartilhamentos com assuntos relevantes e utilidades públicas, a visualização diária ou semanal dos conteúdos gerados por outros perfis, em sua maioria, não tem um propósito educativo ou intelectual, podendo ser justificada pelo entretenimento; assim como o tempo investido em jogos e outros aplicativos do sistema.

Considerando que, no Brasil, um usuário investe em média 9,2 horas mensais acessando a rede (BARIFOUSE, 2013), pode-se afirmar que este tem um dia de trabalho mensal livre para entretenimento virtual. É um tempo excedente pessoal destinado a ações incertas, pois, ao acessar o Facebook, o usuário percorre o chamado feed de notícias sem saber o que procura e sem saber exatamente o que verá. Boris Groys (2009, p.122) caracteriza o tempo excedente como um tempo improdutivo, desperdiçado e não histórico. Ao descrever a estética contemporânea em seu ensaio, Groys cita características de um pensamento pós-moderno que pode ser visto, da mesma forma, na relação do usuário com a rede social. Assim como a arte contemporânea “captura e demonstra atividades que transcorrem no tempo, mas que não levam à criação de nenhum produto definido” (GROYS, 2009, p.122), o tempo investido na visualização de perfis, memes, e comentários de outros usuários, assim como jogos oferecidos pela rede, não alcançam uma finalidade sólida, com efeitos permanentes.

Tais ações tendem a moldar um ciclo vicioso no usuário, que torna-se dependente da utilização do sistema. É um vício que gera uma falsa necessidade de ver e saber o que acontece no particular de seus amigos e colegas, da mesma forma que pode gerar uma dependência por determinado jogo/aplicativo. Como consequência disso, observa-se a procrastinação e a falta de concentração em atividades importantes, como estudos e trabalho.



Esta “mania do presente” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2004, p.63), é também reflexo do que Bauman (2000, p.37) descreve como “ a nossa forma de modernidade – nova e diferente”. A ilusão moderna de mudanças históricas e esperança no futuro, na nova modernidade desaparece. “Estamos empacados no presente. Ele deixou de ser uma transição, tornando-se permanente reescritura do passado e do futuro” (GROYS, 2009, p.122). Na concepção do autor, este tempo presente

[...] é constituído pela dúvida, hesitação, incerteza, indecisão – pela necessidade de reflexão prolongada de um adiamento. Queremos postergar nossas decisões e ações para ter mais tempo para análise, reflexão e consideração. E isso é exatamente o que o contemporâneo é – um período prolongado, potencialmente até infinito, de adiamento. (GROYS, 2009, p.120).

A descrença no futuro, não progressista, de indecisões, por mais subjetiva que esteja nas ações dos usuários, é demonstrada com a falta de perspectiva e preocupação com as consequências daquilo que é falado, comentado, exibido. O foco no tempo presente e o adiamento da reflexão com relação ao futuro geram ações com consequências não imaginadas. Um usuário, ao exibir uma fotografia com alguém que se relaciona, não está preocupado com o passado ou com o futuro, mas sim com o momento presente. Caso haja um término no relacionamento, a fotografia, mesmo que seja deletada, se guardada em outros dispositivos, poderá estar acessível a outros usuários. Segundo o Termo de Responsabilidade do Facebook, as fotos apagadas são mantidas em cópias de backup durante um período (CAMPI, 2012). Enquanto está em exibição no perfil do usuário é pública para determinadas pessoas, as quais têm liberdade para copiar e salvar a imagem. Após a exclusão, ainda é possível visualizá-la através de mecanismos de busca.

Assim como há uma falta de preocupação com questões de privacidade, a falta de preocupação também é visível no exercício da opinião com relação à ética, justiça e política. Observam-se diversos compartilhamentos com votos de protestos, incentivos a abaixo-assinados virtuais, citações impactantes, entre outras manifestações. Entretanto, a preocupação se limita ao virtual. Além de muitas informações serem repassadas sem serem averiguadas, o que demonstra o descontentamento com determinado assunto ou a luta por uma opinião específica é um alto número de compartilhamentos. A geração pós-moderna do Facebook é uma geração que não sai às ruas, que não tem gritos reais de protestos, que se acomoda a um ou dois cliques para mostrar de que lado está. Um exemplo destas atitudes se manifestou em um evento criado no Facebook, organizando



um protesto contra o ex-presidente Lula, na Avenida Paulista, em São Paulo. O evento teve confirmação de presença de cerca de mil e oitocentas pessoas; porém, no dia, apenas vinte pessoas compareceram (VASQUES, 2013).

Segundo Bauman (1998), a modernidade líquida é desapegada de promessas ideológicas, compromissos políticos e sociais, diferente da geração moderna, na qual a ideologia era o que a guiava rumo a um futuro de progresso. A não preocupação com o futuro é revelada com a dominação do presente, devido ao aceleração do tempo e ao encurtamento das distâncias. “O novo valor atribuído ao transitório, ao fugidio e ao efêmero, a própria celebração do dinamismo, revelam um anseio por um presente estável, imaculado e não corrompido” (HABERMAS apud HARVEY, 2007, p.291). A tecnologia e seus derivados também são responsáveis pela valorização da atualidade e os privilégios obtidos através destes, que antes não existiam, como a Internet móvel e a velocidade na troca de informações.

A simultaneidade e a produção de usuários multifuncionais são consequências da tecnologia em favor do agora. Isto acontece quando o usuário é exposto às inúmeras possibilidades da rede, seja de se comunicar com diversos usuários ao mesmo tempo, jogar, ler notícias, ver vídeos etc. Um dos maiores exemplos da simultaneidade é o fato de que 80% do tráfego total do Facebook vem de ambientes empresariais (JESUS, 2012). Diversas atividades inseridas dentro de um mesmo tempo, criação de um tempo excedente para aproveitamento instantâneo, registro do tempo imediato e incertezas com o futuro, gerando um adiamento de reflexão com aquilo que é vindouro, são marcas da contemporaneidade. Desta forma, a libertação do espaço-tempo, o presente infinito, é vista em diversas atitudes, conforme observado nesta pesquisa. O Facebook e tudo aquilo que é oferecido ao usuário manifestam um desejo de celebração do presente. Apesar do propósito inicial ser outro, de acordo com os resultados obtidos ao longo dos anos de experiência, criaram-se outras ferramentas dentro do sistema, que cada vez mais instigam o usuário a ser mais conectado. Criou-se um vício pelo presente e uma preocupação com o agora.

Conclusão

O desenvolvimento dos meios de comunicação alterou o paradigma da interação social. A transmissão de informações não ficou restrita à comunicação face a face, onde os indivíduos precisam compartilhar necessariamente o mesmo tempo e espaço. A



comunicação deixou de ser totalmente dependente da transmissão e retransmissão de relatos de maneira oral ou de suportes não duráveis. Tempo e espaço deixaram de ser intrinsecamente associados e dependentes. As modificações sociais e a industrialização transformaram a modernidade na pós-modernidade, fase atual da sociedade. Embora não haja uma ruptura completa com o paradigma anterior, a pós-modernidade indica um período posterior, mais ligado ao progresso tecnológico. Esse é o ambiente do desenvolvimento das redes sociais e consequentemente do Facebook, que permite relacionamentos virtuais. Tais relacionamentos podem ser considerados pós-modernos, pois não requerem a sujeição ao mesmo tempo e espaço simultaneamente. Além de mostrar posts (fotos e/ou comentários) de maneira dinâmica e que são alterados com rapidez. O imediatismo impera no Facebook, gerando a sensação de que tudo deve ser lido, compartilhado e curtido agora, mesmo que para isso o usuário deva preferir outras atividades. Na lógica pós-moderna do Facebook, é preciso viver o presente de maneira intensa, uma vez que as informações viram passado com rapidez.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 1999.

BARIFOUSE, R. **Tempo gasto por brasileiros com o Facebook dobra em um ano**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/ccttbke>> Acesso em: 04 de maio de 2013.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

BLOG DO JJ. **Só 30,8% dos brasileiros tem acesso à web, informa o IbopeNielsen**. Disponível em <<http://tinyurl.com/bpc4lnw>>. Acesso em 04 de novembro de 2011.



CAMPI, Monica. **Fotos apagadas do Facebook não somem da rede**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/ccygx3j>> Acesso em 04 de maio de 2013.

CARVALHO CAMPOS, Maria das Graças de. **Axiodrama 654 – uma possibilidade de ressignificar o tempo e a impaciência na pós-modernidade**. Publicado por Tranças de Abordagem, em 30 novembro 2010, Produções Seleccionadas: Ciclo Publicações.

CHARLES, S.; LIPOVETSKY, G. **Tempos hiper-modernos**. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

DOURADO, Daniela. **#Mídias Sociais: Perspectivas, Tendências e Reflexões**. 2010, disponível em: < http://issuu.com/pape_rcliq/docs/ebookmidiassociais >. Acesso em: 03 de maio de 2013.

GROYS, B. **Camaradas do Tempo**. 2009, disponível em: <<http://tinyurl.com/bpkzx1x>> Acesso em: 03 de maio de 2013.

HABERMAS apud HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

JESUS, A. **Uso de aplicativos do Facebook em ambiente de trabalho triplicou em 2011**. Disponível em: < <http://tinyurl.com/6m6agow> > Acesso em: 04 de maio de 2013.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia**. Bauru: Ed. EDUSC, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. Editora 34, 2007.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio - ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Ed. Manole, 2005.

LYOTARD, J. **O Pós Moderno**. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1988.

MARTELETO, R. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. Editora 34, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROUSSEAU, J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2008.

SAMPAIO, L. Uso de internet no celular cresce 240% em um ano. Disponível em: <<http://tinyurl.com/6w3f8we>>. Acesso em 03 de maio de 2013.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo, Ed. Record, 2000.



SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Ed. Editora Vozes, 2010.

_____. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

VASQUES, Daniel. **Protesto contra Lula e PT reúne 20 pessoas na Avenida Paulista**. Disponível em: <http://tinyurl.com/cvstcbo>> Acesso em 08 de maio de 2013.